

Cadernos técnicos de conservação fotográfica

**1 Treinamento em conservação fotográfica:
a orientação do Centro de Conservação e
Preservação Fotográfica da Funarte**
Sandra Baruki e Nazareth Coury

9 Roteiro do vídeo *Negativos de vidro* - conservação
Sandra Baruki, Nazareth Coury e João Carlos Horta

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Gil

Presidente da Funarte
Antonio Grassi

Diretora do Centro de Programas
Integrados/Edições
Miriam Brum

Diretor do Centro das Artes Visuais
Francisco Chaves

Coordenadora do Centro de
Conservação e Preservação
Fotográfica
Sandra Baruki

Edição
Eridan Leão
Sandra Baruki

Revisão técnica
Sandra Baruki
Clara Mosciaro

Revisão de textos
Ana Skinner
Tereza Cardoso
Clara Mosciaro

Colaboração
Elizabeth Carvalho Macedo
Alexandra Z. Borges

Cadernos Técnicos do CCPF

Reeditar os *Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica* é, para a atual gestão da Funarte, uma forma de dar prosseguimento a um projeto que se mostrou, desde a sua criação, como uma preciosa fonte de disseminação de conhecimento nesta área.

Os Cadernos Técnicos vêm atender à necessidade de divulgar trabalhos de brasileiros e estrangeiros, diante da crescente demanda de informações neste setor, o que revela o interesse de profissionais que zelam pela manutenção dos acervos fotográficos, de importância indiscutível no mundo contemporâneo.

O Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte é um centro de referência, no Brasil e na América Latina. Núcleo de pesquisa e difusão, o CCPF é reconhecido e respeitado também como um centro de treinamento que nas últimas duas décadas implementou e consolidou uma política de preservação da memória fotográfica no país.

Antonio Grassi

Funarte

**Centro de Conservação e Preservação
Fotográfica**

Rua Monte Alegre 255 Santa Teresa
22240-190 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel. (021) 2507.7436 / 2279.8452
email: ccpf@funarte.gov.br

Catálogo na fonte

FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação

Cadernos técnicos de conservação fotográfica, 1 / [organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte]. 3. ed. rev. - Rio de Janeiro : Funarte, 2004.
12 p.

Conteúdo: Treinamento em conservação fotográfica : a orientação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte / Sandra Baruki e Nazareth Coury - Roteiro do vídeo Negativos de vidro : conservação / Sandra Baruki, Nazareth Coury e João Carlos Horta
ISBN 85-7507-053-3

1. Fotografia. 2. Conservação fotográfica. 3. Preservação de fotografias. I. Funarte. Centro de Conservação e Preservação Fotográfica

CDD 771.46

Treinamento em conservação fotográfica: a orientação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte

Sandra Baruki

Master of Arts (MA) em Conservação pelo Camberwell College of Arts, The London Institute, Londres, Reino Unido, 2000-2001, através de patrocínio de Vitae. Coordenadora do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF) da Funarte, onde integra a equipe desde 1986. Com o apoio da OEA, em 1989, fez nos EUA o seguinte programa de aperfeiçoamento: estudante especial na Columbia University, School of Library Service, Conservation Education Programs (1º sem); estágios no New York Municipal Archives (Setor de Preservação), em Nova York, NY, no International Museum of Photography/George Eastman House (laboratório de conservação) e no Image Permanence Institute, ambos em Rochester, NY.

Nazareth Coury

Conservadora-restauradora, colaboradora da equipe do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF) da Funarte desde 1988. É graduada em Belas Artes pela UFES. Aperfeiçoamento em conservação /restauração fotográfica ministrado pelos conservadores norte-americanos Nora Kennedy e Peter Mustardo, 1989. Entre as atividades profissionais destaca-se o trabalho de assessoria técnica ao Profoto – Projeto de Preservação e Conservação do Acervo Fotográfico da Biblioteca Nacional e, recentemente, o trabalho de conservação dos álbuns fotográficos da Coleção Augusto Malta, da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e o tratamento de negativos e cromos do Projeto Portinari.

Resumo O Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Fundação Nacional de Arte – Funarte, Brasil, realiza treinamentos de equipes técnicas de instituições para a elaboração e implantação de projetos de preservação fotográfica. O artigo apresenta as orientações técnicas de conservação fornecidas durante esses cursos: diagnóstico, tratamentos de higienização, estabilização e acondicionamento, planejamento de áreas de guarda e reprodução fotográfica.

1. Introdução

O Centro de Conservação e Preservação Fotográfica – CCPF, da Fundação Nacional de Arte – Funarte, vem realizando nos últimos anos treinamentos de equipes técnicas de instituições brasileiras e de outros países latino-americanos envolvidos na elaboração e implantação de projetos nas áreas de conservação e preservação fotográfica. Este artigo objetiva apresentar as orientações técnicas fornecidas durante um treinamento de conservação de acervos fotográficos.

O texto está dividido em quatro seções, além desta introdução. Na seção 2 – diagnóstico do acervo fotográfico – orienta-se acerca do preenchimento de fichas de diagnóstico, quando são identificados os processos fotográficos históricos e contemporâneos, as características de deterioração dos documentos, e avaliadas as condições ambientais encontradas. As seções seguintes, 3 e 4, apresentam a proposta de tratamento de conservação, as aulas teórico-práticas sobre a realização das etapas de higienização, estabilização e acondicionamento de documentos fotográficos, e o

planejamento da área de guarda. A seção 5 mostra as fases de reprodução e duplicação fotográficas que, facilitando o acesso de pesquisadores às coleções, e conseqüentemente reduzindo o seu manuseio, contribuem para a preservação.

Na última seção abordam-se alguns aspectos da implantação de projetos, destacando-se, em particular, a necessidade de elaboração de fluxograma e cronograma de trabalho.

2. Diagnóstico

O diagnóstico de um acervo fotográfico é realizado através do levantamento do estado de conservação dos documentos, enumerando-se as características de deterioração nele encontradas. Inicialmente, separam-se grupos de documentos fotográficos dos diversos processos existentes no acervo (objetos, fotografias, negativos, álbuns, contatos e diapositivos), observando-se também a predominância dos formatos para identificar os problemas e definir o tratamento posterior.

A diversidade dos processos existentes nos acervos fotográficos históricos e contemporâneos, assim como a complexidade da estrutura do material fotográfico, exige do conservador conhecimentos técnicos na identificação dos documentos, que pode ser realizada através da análise visual, do exame da superfície da imagem e, ainda, com auxílio do microscópio¹.

A correta identificação do processo utilizado e da estrutura (materiais do suporte, ligante e substância formadora da imagem) vai determinar a proposta de tratamento e o tipo de acondicionamento e guarda.

As prioridades de tratamento serão definidas em função da importância dos documentos encontrados e da emergência do trabalho de estabilização, a partir do conhecimento do acervo. Os dados quantitativos devem ser fornecidos pela instituição a fim de orientar o planejamento de espaço, a aquisição de material acessório, a contratação de equipe e o cronograma para a execução do projeto.

As características de deterioração fotográfica são decorrentes tanto de causas externas quanto de fatores intrínsecos aos materiais fotográficos. Como causa extrínseca de deterioração deve-se citar o próprio homem, que ao manusear um documento sem luvas ou qualquer cuidado poderá causar danos, como marcas de digitais, sujidades, abrasões, rasgos, fraturas, perdas de suporte primário, da emulsão e do suporte secundário.

Os materiais acessórios e os sistemas de embalagens inadequados (envelopes, pastas, caixas, encadernações etc.), bem como o ambiente com umidade relativa e temperatura elevadas e com oscilações causam deterioração físico-química e orgânica do material: esmaecimento, amarelecimento e manchas na área de imagem e do suporte; alteração de formatos, dada a contração e distensão da estrutura provocando abaulamento, rasgos e fraturas; e ataque de fungos com manchas e destruição da camada de gelatina. A ausência de higiene no ambiente atrai insetos que arruinam os objetos fotográficos, pois estes depositam excrementos que causam perdas de áreas de imagem e de suporte do documento. A presença de poluentes ambientais (como poeira e gases), decorrentes da localização do edifício, e de materiais construtivos inadequados complementam o quadro de elementos externos nocivos aos materiais fotográficos.

As causas intrínsecas de deterioração são aquelas características da estrutura dos próprios materiais fotográficos. O exemplo mais conhecido disso são os negativos em base de nitrato de celulose (introduzido em 1889 e produzido até 1950)² e de diacetato de celulose (*safety film* ou filme de segurança, surgido em 1939) que se deterioram em maior ou menor tempo, em função da instabilidade química dessas bases. É importante identificar a presença dos negativos de nitrato e de diacetato de celulose no acervo, para a elaboração de um projeto específico. Este deve conter orientações para criação de área de guarda independente e para duplicação destes negativos para bases contemporâneas, especialmente daqueles em fase de decomposição.

No trabalho de diagnóstico, é importante o preenchimento de fichas, com a anotação de todos

os dados observados no documento, registrando o processo, o formato, as características de deterioração, para resguardar todo e qualquer tipo de informação encontrada. Durante os treinamentos do CCPF, dois tipos de ficha de diagnóstico são utilizados: uma para a fotografia em análise, permitindo que os alunos tenham o primeiro contato com os termos técnicos das características de deterioração; e outra para o acervo fotográfico como um todo, apresentada ao final deste texto³. Observam-se, também, as formas de acondicionamento e guarda (embalagens, mobiliário, materiais construtivos e segurança) e realiza-se a monitorização das condições de temperatura e umidade relativa do ambiente. A documentação fotográfica do estado de conservação do acervo é fundamental para o registro das condições encontradas. A partir da experiência adquirida no treinamento, o aluno elabora fichas relativas ao acervo em que trabalha, segundo as características e dados quantitativos previamente conhecidos ou estimados.

3. Tratamento de conservação fotográfica

A elaboração da proposta de conservação é iniciada na fase de diagnóstico, quando, na utilização da ficha, determinam-se as etapas de tratamento para cada documento ou grupo fotográfico: higienização, estabilização e acondicionamento.

Nas aulas práticas, o aluno aprende a manusear os documentos fotográficos e os procedimentos de limpeza da área e do instrumental adequados para o trabalho de conservação. Conhece, ainda, o instrumental técnico – trinchas, pincéis, pinças, bisturis, facas de corte, espátulas de metal e de osso, entre outros –, os protótipos de embalagens e os materiais acessórios e de conservação.

Em função do estado de conservação das fotografias, determina-se a técnica de limpeza a ser empregada, a higienização mecânica e/ou química. A presença de adesivos, cliques, etiquetas, inscrições, fungos, excrementos e manchas detectados no diagnóstico orientam esta escolha.

A higienização mecânica consiste na utilização de pincel soprador e de trinchas macias, separando-se uma trincha para a imagem e outra para o suporte na remoção das sujidades superficiais. Também são adotadas outras técnicas, como a aplicação do pó e da borracha plástica branca. Após esse procedimento, realiza-se, se necessário, a higienização química, através de solventes, que devem ser testados antes da sua aplicação em uma pequena área do documento. Equipamentos como capela de exaustão devem ser utilizados em

tratamentos que envolvam produtos com toxicidade. Cuidados especiais devem ser tomados para que não se removam anotações de identificação da fotografia.

Realizada a higienização, inicia-se o tratamento de estabilização dos documentos com dobraduras, fraturas, rasgos e suportes quebradiços, entre outros, através da aplicação de técnicas de planificação, de remendos e de consolidações. Por exemplo, uma fotografia com rasgo no suporte, que avança ameaçando a área de imagem, deve ser estabilizada.

As fotografias com problemas sérios de estabilidade serão separadas para tratamento (enxertos de áreas faltantes, obturações, planificação, velatura etc.), trabalho especializado não abordado durante os treinamentos. Objetos fotográficos – como daguerreótipos, ambrótipos e ferrótipos – e negativos de vidro⁴, entre outros materiais históricos delicados, recebem maior atenção na higienização e acondicionamento. Os álbuns fotográficos também recebem tratamento especial, interdisciplinar, com a participação de profissionais das áreas de conservação de fotografia, de papel e de encadernação na discussão dos procedimentos técnicos a serem adotados.

A próxima etapa é o acondicionamento dos documentos. Em primeiro lugar, os especialistas em documentação, responsáveis pelo tratamento técnico de catalogação e indexação do acervo, devem planejar o arranjo dos documentos fotográficos. A partir dessa discussão, os conservadores do projeto propõem o invólucro e o mobiliário mais apropriado para o uso e a guarda dos diversos tipos e formatos de documentação (arquivos-fichários, arquivos para pastas suspensas, caixas em armários com prateleiras, estantes e, no caso de formatos maiores, mapotecas)⁵. Os materiais acessórios (papéis, plásticos e adesivos) para a produção das embalagens devem seguir normas de conservação fotográfica, especialmente os invólucros primários que estarão em contato direto com a imagem e com o suporte. Após a definição do formato das embalagens e do sistema de acondicionamento a serem adotados, procede-se ao mapeamento da ocupação do mobiliário⁶ com a sua quantificação, bem como a determinação do espaço físico necessário para a área de guarda.

4. O planejamento da área de guarda

O planejamento da área de guarda envolve o controle de temperatura e de umidade relativa do ambiente. Os equipamentos de climatização, quando funcionam ininterruptamente, na medida do possível, evitam flutuações desses índices. Recomenda-se a manutenção técnica constante dos equipamentos

elétricos, para a segurança do acervo e da edificação. A escolha do sistema de climatização, assim como a sua adequação aos parâmetros de preservação, deverá ser feita por consultoria especializada em conjunto com os conservadores. É necessário prever a instalação de equipamento suplementar de segurança. Cada instituição tem problemas e realidades diferentes a serem consideradas nesta escolha. A área de guarda independente facilita o controle ambiental, com a consulta e o trabalho funcionando em áreas adjacentes, também climatizadas.

Planeja-se a instalação de sistemas de filtragem para partículas e para gases nos dutos dos equipamentos, evitando-se a poluição ambiental. As firmas especializadas em climatização fornecem informações sobre os filtros existentes no mercado nacional, assim como a respectiva manutenção.

A área de arquivo deve estar localizada em lugar seguro da edificação, livre de enchentes ou inundações, evitando-se porões, sótãos, pisos no nível da rua, e, também, salas com tubulação hidráulica, ou que contenham muitas janelas e parede externa dificultando o isolamento térmico. Quanto maior o isolamento, maior é a eficiência dos aparelhos de climatização. Assim sendo, especificam-se os materiais construtivos que sejam isolantes térmicos com vedação para umidade e pouca permeabilidade, além de quimicamente inertes.

A área de arquivo deve ser implantada em locais da edificação com capacidade estrutural previamente aferida por profissionais especializados e com a emissão de laudo técnico correspondente.

O planejamento arquitetônico também define a iluminação das áreas de guarda, consulta e exposição. A iluminação escolhida permite a proteção do material fotográfico do calor e da radiação ultravioleta, assim como propicia conforto ao público, consultantes e pesquisadores.

A segurança contra fogo dessas áreas será planejada no que diz respeito à prevenção, à detecção e ao combate. As instalações elétricas serão revisadas e dimensionadas para o recebimento dos equipamentos de climatização. Os materiais construtivos não podem ser combustíveis. As áreas devem possuir detectores de fumaça, alarmes e outros equipamentos de combate imediato. É necessário estudar e implantar um plano de emergência para situações de calamidade, com o treinamento dos responsáveis, dos funcionários e da segurança na atuação preventiva e de combate. Recomendamos consultar o Corpo de Bombeiros, e, ainda, uma consultoria específica de prevenção de incêndios, para aprovação do projeto da área de guarda.

O acervo fotográfico só será transferido para a

nova área de guarda após a completa finalização das obras de reforma e a estabilização dos materiais construtivos utilizados, impedindo assim que seja danificado por poeira e gases nocivos. É imprescindível planejar a mudança, para evitar choques térmicos. Os equipamentos de climatização serão instalados antes da colocação do acervo na área de guarda, com a monitorização constante dos índices de temperatura e de umidade relativa do ambiente, que devem ser ajustados gradualmente até a obtenção dos parâmetros de conservação adequados para a documentação.

4

5. Reprodução e duplicação fotográficas

Num projeto de preservação e conservação é fundamental o planejamento das etapas de reprodução e duplicação, considerando-se as necessidades de cada acervo. O trabalho também é interdisciplinar, com a participação de profissionais especializados em conservação, fotógrafos, laboratoristas, e do curador das coleções na definição das prioridades de tratamento, selecionando os negativos mais importantes e em estado mais avançado de degradação. Coleções de fotografias que não possuem negativos, e originais fotográficos com problemas de estabilidade devem ser reproduzidos para gerar cópias contato e/ou ampliações que facilitem o acesso dos pesquisadores à informação. Novos recursos de informática, como a digitalização de imagens, ampliaram o universo deste trabalho, especialmente para acervos de grande porte.

A reprodução fotográfica restringe o constante manuseio dos originais fotográficos, contribuindo assim para a sua preservação.

Negativos históricos, como os de vidro, e aqueles com características intrínsecas de deterioração, como as bases instáveis de nitrato e diacetato de celulose, recebem tratamento diferenciado. A duplicação sistemática das coleções de negativos de bases instáveis faz parte do tratamento de conservação, assim como as etapas de higienização, o cuidado, o manuseio e a guarda⁷.

O projeto de duplicação deve ser implantado antes da deterioração avançar para que não se perca totalmente a informação. Estes negativos se deteriorarão em maior velocidade se estiverem guardados em condições inadequadas. Entretanto, não se tem ainda comprovação sobre a estabilidade dos materiais contemporâneos utilizados, e a duplicação é limitada, ou seja, cada geração sucessiva de novos negativos representa perda de qualidade de imagem e de detalhes.

A supervisão dos trabalhos deve ser rigorosa, para garantir a maior qualidade de imagem possível e o melhor processamento fotográfico na geração

das reproduções e dos negativos duplicados. Os procedimentos técnicos exemplares de laboratório fotográfico vão determinar a maior durabilidade das imagens produzidas.

6. A implantação de projetos

Uma vez concluída a orientação técnica de conservação, aborda-se a implantação do projeto, ou seja, entre outros, o fluxograma e cronograma de trabalho, planejados em conjunto com a equipe de tratamento técnico (identificação, catalogação e indexação). Os lotes de documentos fotográficos serão encaminhados para os vários setores de trabalho (tratamento técnico, automação, conservação, reprodução e guarda), conforme o caminho sugerido inicialmente pelos responsáveis técnicos, roteiro este que poderá ser modificado em função do andamento do projeto, com o maior conhecimento do acervo e das necessidades de conservação e de reprodução que surgirem no seu cotidiano.

O trabalho depende do ritmo diferenciado de cada instituição e dos órgãos financiadores responsáveis pela liberação do orçamento, contratação de pessoal e aquisição de materiais de consumo e equipamentos. Todas as etapas de trabalho citadas configuram um cronograma de trabalho de conservação, com a elaboração das planilhas de atividades e prazos de execução. Deve-se quantificar e listar o material de consumo e equipamentos, assim como os seus fornecedores e os custos para aquisição. Planejam-se, ainda, a contratação das equipes de trabalho e seu respectivo treinamento, as consultorias especializadas e os serviços de terceiros.

7. Alguns treinamentos realizados

- Universidade do Amazonas / Museu Amazônico, Manaus – AM, em 1992 (treinamento de equipe do museu para o tratamento da coleção de negativos de vidro do acervo Silvino Santos);
- Universidade Estadual de Campinas, em Campinas – SP, em 1993 (treinamento dos responsáveis pelos arquivos fotográficos da Universidade);
- IV Treinamento em Conservação e Preservação Fotográfica, realizado no CCPF, Rio de Janeiro – RJ, em 1994, com a participação de 18 instituições do Brasil, Chile, Equador, Venezuela e Colômbia;
- Oficina *Preservación y Conservación de Acervos Fotográficos*, na Casa de las Americas, em Havana, Cuba, em novembro de 1994, com a participação de 33 fotógrafos e conservadores da Argentina, Colômbia, Costa Rica, Cuba, México e Venezuela;
- Laboratório de Estudos e Pesquisas, no Centro Histórico de Laguna, 11^a CR / Iphan / SC, em julho

Ficha técnica (acervo fotográfico)

instituição:

coleção:

nº de peças do acervo:

Formatos/quantidades

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> fotos avulsas | <input type="checkbox"/> diapositivos | <input type="checkbox"/> negativos coloridos |
| <input type="checkbox"/> com suporte | <input type="checkbox"/> 35mm | <input type="checkbox"/> 35mm |
| <input type="checkbox"/> sem suporte | <input type="checkbox"/> 6 x 6 | <input type="checkbox"/> 6 x 6 |
| <input type="checkbox"/> <i>carte cabinet</i> | <input type="checkbox"/> 6 x 7 | <input type="checkbox"/> 6 x 7 |
| <input type="checkbox"/> <i>carte de visite</i> | <input type="checkbox"/> 4" x 5" | <input type="checkbox"/> 4" x 5" |
| <input type="checkbox"/> outros | <input type="checkbox"/> outros | <input type="checkbox"/> outros |
| <input type="checkbox"/> fotos em álbum | <input type="checkbox"/> negativos de vidro | <input type="checkbox"/> negativos de diacetato |
| <input type="checkbox"/> <i>carte cabinet</i> | <input type="checkbox"/> 9 x 13 | <input type="checkbox"/> negativos de nitrato |
| <input type="checkbox"/> <i>carte de visite</i> | <input type="checkbox"/> 13 x 18 | <input type="checkbox"/> outros negativos |
| <input type="checkbox"/> outros | <input type="checkbox"/> 18 x 24 | |
| | <input type="checkbox"/> 20 x 25 | |
| | <input type="checkbox"/> outros | |
| <input type="checkbox"/> estereoscopias | <input type="checkbox"/> negativos flexíveis (p/b) | |
| <input type="checkbox"/> objetos em estojos | <input type="checkbox"/> 35mm | |
| <input type="checkbox"/> outros | <input type="checkbox"/> 6 x 6 | |
| <input type="checkbox"/> panorâmicas | <input type="checkbox"/> 6 x 7 | |
| <input type="checkbox"/> tamanho > _____ tamanho < _____ | <input type="checkbox"/> 4" x 5" | |
| | <input type="checkbox"/> outros | |

Processos fotográficos

- | | | |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> daguerreótipo | <input type="checkbox"/> cianotipia | <input type="checkbox"/> papel/colódio |
| <input type="checkbox"/> ambrótipo | <input type="checkbox"/> platinotipia | <input type="checkbox"/> fotomecânico |
| <input type="checkbox"/> ferrótipo | <input type="checkbox"/> fotografia albuminada | <input type="checkbox"/> outros |
| <input type="checkbox"/> papel salgado | <input type="checkbox"/> papel/gelatina | |

Dimensões predominantes

1) _____ 2) _____ 3) _____ 4) _____

Características de deterioração

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> sujidades | <input type="checkbox"/> emulsão deteriorada | <input type="checkbox"/> espelhamento da prata |
| <input type="checkbox"/> perfurações | <input type="checkbox"/> abrasões | <input type="checkbox"/> excrementos de insetos |
| <input type="checkbox"/> ondulações | <input type="checkbox"/> manchas | <input type="checkbox"/> fitas adesivas |
| <input type="checkbox"/> amarelecimento | <input type="checkbox"/> fraturas | <input type="checkbox"/> dobras |
| <input type="checkbox"/> esmaecimento | <input type="checkbox"/> rasgos | <input type="checkbox"/> perdas de emulsão |
| <input type="checkbox"/> ataque de fungos | <input type="checkbox"/> suporte quebradiço | <input type="checkbox"/> perdas de suporte |

Formas de acondicionamento

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> caixas individuais | <input type="checkbox"/> protetores/envelopes | <input type="checkbox"/> agrupadas em um mesmo envelope |
| <input type="checkbox"/> pastas suspensas | <input type="checkbox"/> jaquetas de poliéster | <input type="checkbox"/> outros |

Mobiliário

- | | | |
|----------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> armário | <input type="checkbox"/> fichário | <input type="checkbox"/> estantes |
| <input type="checkbox"/> arquivo | <input type="checkbox"/> mapoteca | <input type="checkbox"/> outros |

Localização do acervo

- _____ edifício próximo a grandes avenidas
- _____ próximo a estacionamentos
- _____ próximo a fábricas
- _____ próximo ao mar
- _____ a sala possui muitas janelas
- _____ próximo a paredes que recebem calor
- _____ próximo a paredes com tubulações

Outras informações

- Existe algum trabalho de conservação em andamento? (Se existe, qual é a proposta?)
- Existe alguma política de reprodução e duplicação fotográficas?
- Com que frequência o acervo é consultado?
- Qual é o perfil dos pesquisadores?
- Quais são os cuidados tomados no manuseio dos documentos fotográficos?
- Quantas pessoas cuidam do acervo?
- Existe alguma política de controle de acesso aos originais?
- A umidade relativa e a temperatura são controladas?
- As condições ambientais são monitoradas e registradas?
- Existe alguma rotina de limpeza e controle do ambiente?
- Como é realizada a limpeza do ambiente?
- Quais são os tipos de materiais de revestimento empregados (teto, paredes, janelas, piso)?
- Qual é o tipo de iluminação existente?
- Existe alguma política para enfrentar desastres (incêndios, inundações, vandalismo, etc)?
- O quadro de pessoal está preparado? Como?
- São realizadas revisões elétricas periódicas?
- Existem sistemas de alarme e de combate a incêndios?
- Existem sinais de infestação de insetos?
- Existem problemas de goteiras?
- Outras observações:

Identificação da equipe de trabalho

nome do técnico:

data:

grupo de trabalho:

de 1995, oficina com a participação de 12 conservadores de instituições públicas;

- Treinamento Ateliê de Conservação e Preservação Fotográfica, em agosto/setembro de 1995, realizado no CCPF, Rio de Janeiro, para sete conservadores da Colômbia, Peru e Brasil;

- Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, com 17 participantes, de novembro a dezembro de 1995;

- Programa de Assessoramento Técnico / Ateliê Noções Básicas de Manuseio, Higienização e Acondicionamento de Materiais Fotográficos, realizado no CCPF com a participação de 14 instituições brasileiras, de abril a junho de 1996;

- Treinamento *Conservación y Preservación Fotográfica*, no 1.º Encuentro de Conservación y Preservación Fotográfica del Mercosur, realizado pela Funarte e pelo Museo de la Casa Rosada, em Buenos Aires, Argentina, com a participação de 20 profissionais responsáveis por acervos fotográficos da Argentina e Uruguai, em 1996;

- Módulo *Conservación de Fotografía en Archivos*, no curso Conservación de Papel en Archivos, curso regional para a América Latina promovido pelo ICCROM – The International Center for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property, e pelo CNCR – Centro Nacional de Conservación y Restauración, realizado em Santiago, Chile, para conservadores representantes de instituições da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Haiti, México, Panamá, Peru e República Dominicana, em 1996;

- Oficina Ateliê de Conservação Fotográfica – noções básicas, no Laboratório de Estudos e Pesquisas do Centro Histórico de Laguna, 11ª CR/ Iphan/SC, com a participação de 15 conservadores de Santa Catarina e Paraná, em 1997;

- Oficina Ateliê de Conservação Fotográfica – noções básicas, em Salvador, BA, organizada pela Fundação Clemente Mariani, com a participação de 20 representantes de instituições, em agosto de 1997.

Notas

¹ James Reilly, no livro *Care and identification of 19th century photographic prints*, Rochester, Kodak Publications, 1986, apresenta uma tabela de identificação de processos fotográficos do século XIX, onde orienta sobre a observação visual, microscópica e das características da superfície desses materiais históricos. Esta metodologia tem sido sistematicamente adotada nos treinamentos e no trabalho interno do setor de conservação e preservação do CCPF.

² A Funarte publicou em 1988 o manual *Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos técnicas, métodos e materiais*, de Sérgio Burgi, com colaboração de pesquisa de Sandra Baruki, publicação que é normalmente fornecida aos nossos alunos em oficinas e treinamentos. O

texto possui um capítulo sobre negativos de base de nitrato e de diacetato de celulose.

³ A ficha de diagnóstico de acervo foi adaptada para fins didáticos pelas autoras, a partir de consulta bibliográfica e da experiência nas assessorias técnicas. É um instrumento útil no trabalho prático. Traduzida para o espanhol, foi utilizada pela primeira vez no treinamento realizado na Casa de las Américas, Havana, Cuba, em novembro de 1994.

⁴ Em 1993, a Funarte lançou o vídeo didático *Negativos de vidro – conservação*, uma realização do CCPF e da Coordenação de Cinema e Produção de Vídeo, que orienta sobre os procedimentos especiais a serem adotados nos tratamentos de negativos de vidro, com versão em espanhol.

⁵ Outro instrumento didático muito utilizado nos treinamentos é o *Manual de acondicionamento de material fotográfico*, de Márcia Mello e Maristela Pessoa, Funarte, 1994, com versão em espanhol.

⁶ O CCPF possui uma lista de fornecedores de materiais fotográficos, constantemente atualizada com informações sobre materiais de consumo utilizados em conservação fotográfica, assim como mobiliário, equipamentos de climatização e monitorização, que pode ser consultada.

⁷ Puglia, Steven T. “Negative duplication: evaluating the reproduction and preservation needs of collections”, in *Topics in photographic preservation*, vol. 3, Photographic Materials Group of the American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, 1989.

Roteiro do vídeo *Negativos de vidro – conservação*¹

Sandra Baruki

Master of Arts (MA) em Conservação pelo Camberwell College of Arts, The London Institute, Londres, Reino Unido, 2000-2001, através de patrocínio de Vitae. Coordenadora do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF) da Funarte, onde integra a equipe desde 1986. Com o apoio da OEA, em 1989, fez nos EUA o seguinte programa de aperfeiçoamento: estudante especial na Columbia University, School of Library Service, Conservation Education Programs (1º sem); estágios no New York Municipal Archives (Setor de Preservação), em Nova York, NY, no International Museum of Photography/George Eastman House (laboratório de conservação) e no Image Permanence Institute, ambos em Rochester, NY.

Nazareth Coury

Conservadora-restauradora, colaboradora da equipe do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF) da Funarte desde 1988. É graduada em Belas Artes pela UFES. Aperfeiçoamento em conservação / restauração fotográfica ministrado pelos conservadores norte-americanos Nora Kennedy e Peter Mustardo, 1989. Entre as atividades profissionais destaca-se o trabalho de assessoria técnica ao Profoto – Projeto de Preservação e Conservação do Acervo Fotográfico da Biblioteca Nacional e, recentemente, o trabalho de conservação dos álbuns fotográficos da Coleção Augusto Malta, da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e o tratamento de negativos e cromos do Projeto Portinari.

João Carlos Horta

Diretor de cinema, produtor, diretor de fotografia e câmera. Nos últimos 15 anos vem se dedicando à área de fotografia, especialmente à pesquisa dos processos de impressão do século XIX, participando de oficinas, palestras e encontros, e colaborando com instituições que se dedicam à preservação. Trabalha no Arquivo Fotográfico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Resumo O vídeo *Negativos de vidro – conservação*, realizado pelo Centro de Conservação e Preservação Fotográfica e pela Coordenação de Cinema e Produção de Vídeo da Funarte – Ibac, 1993, é destinado a um público especializado em projetos de preservação fotográfica e orienta sobre técnicas adequadas para a conservação dos negativos de vidro: manuseio, higienização, estabilização e acondicionamento.

1. Introdução

Em 1984, o Instituto Nacional da Fotografia, da Funarte, criou o Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia. Em 1987, através de convênio firmado entre a Funarte e a Fundação Nacional Pró-Memória, começou a funcionar no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, o Centro de Conservação e Preservação Fotográfica.

Este Centro foi criado, em caráter urgente, para atender à necessidade de preservação dos acervos fotográficos históricos e contemporâneos brasileiros, que até aquela data se ressentiam da falta de uma política definida de conservação. Neste local desenvolvem-se técnicas de conservação de acervos, estudam-se soluções de controle ambiental, elaboram-se sistemas de acondicionamento e guarda e realizam-se testes de materiais acessórios. Empreendem-se, ainda, técnicas de processamento fotográfico para longa permanência, bem como de duplicação de originais.

O vídeo *Negativos de vidro – conservação*, trabalho do Centro de Conservação e Preservação

Fotográfica e da Coordenação de Cinema e Produção de Vídeo da Funarte – Ibac, é direcionado a um público especializado, ou seja, a conservadores e restauradores que atuam em projetos de preservação fotográfica, tratando dos procedimentos técnicos de manuseio, higienização, estabilização e acondicionamento de negativos de vidro. O tratamento desses negativos tem sido uma constante nas atividades de assessoramento às instituições solicitantes. Por suas características peculiares, e como parte significativa de nossos acervos históricos, sua conservação exige conhecimentos especiais.

2. Manuseio e diagnóstico

Em razão da fragilidade dos suportes em vidro, devem ser tomadas precauções especiais no manuseio das caixas, envelopes ou outros sistemas de acondicionamento disponíveis. As bandejas plásticas são elementos de apoio indispensáveis ao transporte das caixas, geralmente pesadas. Todo o trabalho deve ser realizado próximo à mesa, para evitar acidentes. Utiliza-se, no manuseio, um cartão-suporte em papel rígido, como segurança adicional, e uma microespátula metálica ou instrumento similar para levantar o negativo.

Os envelopes com negativos devem ser abertos de maneira ordenada, começando-se pelo corte de suas laterais para a remoção segura do conteúdo. Devemos sempre retirar o envelope do negativo, e não o contrário, pois muitas vezes o negativo pode estar fragilizado, aderido ao envelope, trincado, ou

mesmo quebrado. As anotações dos invólucros são transferidas para a ficha de diagnóstico e acompanhamento técnico. O trabalho deverá ser estruturado com a assessoria de um profissional de documentação para que não sejam perdidas informações referentes a cada negativo.

Nos acervos fotográficos, existem dois tipos principais de negativos de vidro: os de colódio úmido e os de gelatina ou placas secas. É fundamental a identificação do processo utilizado na produção do negativo para a definição do tratamento adequado. Após a abertura das embalagens, passamos a identificar qual o lado da superfície de vidro, e qual o lado da emulsão. O lado do suporte de vidro é brilhante, e a emulsão opaca. Com boa iluminação e lupa de magnificação, observam-se características de deterioração, tais como espelhamento nas laterais, fungos sobre a emulsão, abrasões. As observações são registradas nas fichas de acompanhamento.

3. Higienização

A higienização dos negativos de vidro é precedida pelo diagnóstico de seu estado de conservação. O negativo que está sendo trabalhado, assim como o material e o instrumental necessários devem estar próximos uns dos outros, sobre a bancada, e constam de pinça, bisturi, cotonetes, algodão, solvente, água deionizada, recipiente para diluição do solvente, lixinho, pincel macio, seringa de borracha, os quais devem se encontrar dentro de uma bandeja de segurança. Recomenda-se lavar as mãos e protegê-las com luvas.

Na higienização da superfície de vidro, empregam-se cotonetes de algodão, que são umedecidos no solvente e aplicados sobre a superfície com movimentos circulares. Ao realizar a operação de limpeza é preciso atenção quanto à presença de retoques, para que estes não sejam removidos, modificando-lhes a imagem original. O solvente normalmente utilizado na higienização da superfície de vidro é o álcool etílico P.A. (etanol) diluído em água deionizada ou destilada (na proporção de 75% de etanol e 25% de água). A superfície da emulsão é higienizada com a seringa de borracha, evitando-se a utilização de solventes. Estes só devem ser aplicados sobre a emulsão com orientação especializada. Os procedimentos de higienização relatados são para o tratamento de negativos de vidro de gelatina ou placas secas. O tratamento de conservação de negativos de colódio úmido deve ser realizado por profissionais especializados, pois envolvem questões técnicas intrínsecas ao processo fotográfico.

4. Duplicação

Após a higienização, realiza-se a etapa de duplicação dos negativos originais através da feitura de cópias contato e da geração de novos negativos em base flexível contemporânea.

5. Estabilização

Estabilizar um negativo de vidro consiste em dar condições de uso e guarda a um negativo com algum tipo de dano, interrompendo o processo de degradação. Os negativos podem estar trincados, quebrados, remendados com fita adesiva, com emulsão fragilizada, ou mesmo aderidos entre si.

Negativos trincados – depois de higienizados, os negativos deverão ser copiados por contato e reproduzidos para a geração de um novo negativo. Esse procedimento evitará que os negativos originais venham a ser manuseados com frequência. Posteriormente, recebem uma embalagem especial, que consiste em um entrefolhamento com papel de baixa gramatura, em contato com o lado da emulsão. Um suporte de vidro vai proporcionar maior proteção física ao conjunto, que será selado.

Negativos quebrados – outro caso comum de degradação é a existência destes negativos no acervo. Muitas vezes, o fragmento quebrado está colado ao restante do negativo por uma fita adesiva. Esta deverá ser removida na etapa de higienização. Realiza-se, nesse momento, testes de solubilidade para a escolha do solvente apropriado. A fita aderida ao lado do vidro facilita o tratamento com a aplicação de solventes para a sua remoção. O negativo será então reproduzido e copiado, evitando-se assim novos acessos ao original. O fragmento e o negativo serão protegidos em embalagem especial: um cartão rígido; outro papel de boa qualidade e baixa gramatura em contato com a emulsão fotográfica; e um cartão com rebaixos para depósito dos fragmentos. Por fim, o conjunto será selado com uma proteção adicional de poliéster.

6. Acondicionamento

Os formatos das embalagens e o sistema de acondicionamento dos negativos de vidro devem ser definidos previamente ao trabalho em realização, no projeto de preservação. Os materiais acessórios, papéis, cartões ou plásticos, obedecem às especificações técnicas para embalagens de conservação e aos testes de atividade fotográfica (ANSI IT 9.2 – 1991).

Os negativos de vidro devem ser guardados verticalmente. Negativos de vidro acima de 20 x 25cm são acondicionados horizontalmente, com sobreposição de, no máximo, cinco negativos, evitando-se o peso acumulado. O primeiro invólucro de proteção é o envelope em cruz. Com o auxílio de um gabarito de cartão rígido, marca-se o formato dos

envelopes. O papel deve ser de baixa gramatura, no caso 60g/m². O negativo é acondicionado sempre com a emulsão para baixo, em contato com o papel.

Após a primeira proteção, o negativo envelopado recebe uma segunda proteção: caixa em cruz de cartão de maior gramatura. Cada caixa comporta oito a dez negativos. Entre as mesmas, utilizam-se espaçadores de papel ou plástico rígido. A seguir, são guardadas em caixas rígidas. Atualmente, no Brasil, existem empresas que comercializam embalagens rígidas especiais. Negativos trincados, quebrados, ou com problemas de preservação são embalados segundo recomendações técnicas específicas do conservador do projeto.

O mobiliário também deve atender às especificações técnicas de conservação e segurança. O acervo será guardado em ambiente com controle de umidade relativa, de temperatura e de poluição atmosféricas. Os negativos de vidro assim conservados, bem como a geração de cópias e negativos contemporâneos, permitem que a instituição coloque esse patrimônio à disposição do público, objetivo principal de um projeto de preservação.

Ficha técnica do vídeo *Negativos de vidro – conservação*

direção geral João Carlos Horta – CCPF

cinematografado parcialmente por Paloma Rocha

roteiro Sandra Baruki, Nazareth Coury e João Carlos Horta – CCPF

direção de fotografia Marcelo Reis – CCPV

direção de som Hamilton Alves – CCPV

produção executiva Marcos Aurélio Mello – CTAV,

Sandra Baruki e João Carlos Horta – CCPF

fotografia da capa Francisco da Costa – CCPF

versão e narração em espanhol Helena Ferreira

eletricista Lydio da Rocha – CCPV

realização Centro de Conservação e Preservação

Fotográfica – CCPF

Coordenação de Cinema e Produção de Vídeo – CCPV

Observação

O vídeo *Negativos de vidro – conservação*² utiliza, para efeitos de demonstração, alguns trabalhos realizados no Centro de Conservação e Preservação Fotográfica, do Museu Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Museu da Imagem e do Som, RJ (acervo Guilherme Santos)³. Aparecem também no programa de vídeo originais do Museu Imperial de Petrópolis, do Arquivo Central do Iphan e da coleção particular do fotógrafo Octaviano Serra, Corumbá, MS.

Bibliografia

AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE.

American National Standard for Imaging Media –

Photographic processed films, plates, and papers – filing enclosures and storage containers – ANSI IT 9.2. Nova York, 1991. 10 p.

BURGI, Sérgio e BARUKI, Sandra C. S.

(colaboração de pesquisa). Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais.

Rio de Janeiro: Funarte, 1988. 40 p.

PHOTOGRAPHIC Conservation Block Notes.

Compilado por Debbie Hess Norris. University of Delaware/Winterthur Museum Art Conservation Program, mar. 1989. 110 p.

REMPEL, Siegfried. The care of photographs. Nova York: Nick Lyons Books, 1987. 184 p.

WEINSTEIN, Robert A. e BOOTH, Larry. Collection, use and care of historical photographs. Nashville: American Association of State and Local History, 1977. 224 p.

Notas

¹ O presente texto foi publicado nos Anais do VII Seminário da Abracor – Associação Brasileira de Restauradores e Conservadores de Bens Culturais, Petrópolis, Abracor, novembro de 1994. O vídeo *Negativos de vidro – conservação* possui versões em português e em espanhol.

² O roteiro técnico do vídeo *Negativos de vidro – conservação* foi realizado com a supervisão de Solange Zúñiga, diretora do Departamento de Pesquisa e Documentação da Funarte.

³ O Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte – com a colaboração de equipe técnica especialmente contratada – realizou, nos anos de 1990 e 1991, as etapas de higienização e realização de contatos fotográficos de cerca de 20.000 negativos e 5.000 positivos estereoscópicos do acervo Guilherme Santos, MIS/RJ. Os negativos e positivos de vidro trabalhados datam das décadas de 1910 a 1940, com imagens dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.



Centro de Conservação e Preservação Fotográfica (CCPF) foi criado em 1984, através de um termo de cooperação técnica com a Fundação Nacional Pró-Memória, como parte do Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia da Funarte. O Centro tem como principais atribuições a preservação da memória fotográfica brasileira, o fomento e criação de núcleos regionais de preservação, a formação de pessoal técnico especializado, a pesquisa de soluções e a difusão de informações em conservação e preservação fotográfica.

O CCPF não possui acervo fotográfico próprio, por entender que seu papel é trabalhar em parceria com outras instituições. Trata-se, assim, de um laboratório agregador e formador de mão-de-obra que atua no estímulo e na execução de projetos de conservação e preservação fotográfica.

Os trabalhos de conservação e reprodução fotográfica desenvolvidos estão em geral relacionados à produção do conhecimento técnico. Seus resultados são difundidos através de relatórios e publicações técnicas. Os treinamentos – realizados em âmbito nacional e internacional – visam instrumentalizar profissionais que lidam diretamente com a preservação de acervos em instituições públicas e privadas.

Os *Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica*, usados regularmente como material didático nos treinamentos promovidos pelo CCPF, apresentam temas identificados como importantes para suprir a necessidade de informação na área. Visam à criação de bibliografia básica nos vários campos de atuação da conservação e preservação fotográfica, e são publicados em textos originais e/ou traduzidos para o português, com formato ágil e de leitura rápida.

O CCPF funciona em uma casa histórica em Santa Teresa, casa esta que se tornou nosso símbolo de referência, e em cujos ateliês e laboratórios temos recebido, nestes quase dezessete anos de atuação, centenas de estudantes e representantes institucionais. A edição dos *Cadernos Técnicos* muito contribui para a difusão da informação especializada em conservação e preservação fotográfica. A retomada das publicações técnicas é, portanto, um dos nossos projetos em andamento, juntamente com a reforma da casa sede e a modernização de seus equipamentos: os *Cadernos Técnicos* - 1 a 4 - são agora reeditados com recursos de convênio com o Fundo Nacional de Cultura. Os próximos números, de 5 a 8, inéditos, serão publicados em parceria com a ABRACOR / Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais.

Impresso na gráfica
Entrelinhas com papel
alcalino - capa em Filiset
Vergê 180g e miolo em
Filiset 90g

Projeto gráfico da
Quadratim.
Tel. (021) 2239.0847 /
3205.3518

Sandra Baruki
Coordenadora

Centro de Conservação e Preservação Fotográfica

Cadernos publicados

1

Treinamento em conservação fotográfica: a orientação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte

Sandra Baruki e Nazareth Coury

Roteiro do vídeo *Negativos de vidro – conservação*

Sandra Baruki, Nazareth Coury e João Carlos Horta

2

Diretrizes para a exposição de fotografias

Nora Kennedy

Preservação de fotografia na era eletrônica

Peter Mustardo

Reprodução fotográfica e preservação

Francisco da Costa

Preservação de fotografias: métodos básicos para salvaguardar suas coleções

Peter Mustardo e Nora Kennedy

3

Uma nova disciplina: a conservação-restauração de fotografias

Anne Cartier-Bresson

Conservação de fotografia – o essencial

Luís Pavão

4

Armazenagem e manuseio de materiais fotográficos

Klaus B. Hendriks

ISBN 85-7507-053-3

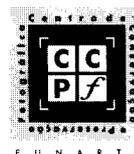


9 788575 070536

**Esta publicação foi realizada com o apoio de
VITAE – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social
FNC – Fundo Nacional de Cultura**



Ministério
da Cultura



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
funarte
CENTRO DE ARTES VISUAIS